



# INFÂNCIA E LINGUAGEM EM MANUEL ANTÓNIO PINA

*Paloma Roriz*

*Orientadora: Ida Alves*

*Doutoranda*

RESUMO: O presente trabalho propõe refletir acerca de alguns aspectos da obra poética do escritor português Manuel António Pina, tendo por foco procurar compreender de que forma tais aspectos problematizariam, através das ideias de infância e linguagem, os limites entre forma e pensamento. Partindo de uma proposição de Giorgio Agamben acerca de uma teoria da infância, trata-se de se pensar em que medida a poética de Pina se desdobra enquanto um exercício de oscilação reflexiva em torno da linguagem, em sua dicção autorreflexiva e metalinguística, apresentando espaços privilegiados para se refletir acerca de uma dualidade entre palavra *poética* e palavra *pensante*, o que se traduziria em um trabalho de escrita voltado para a procura incessante de um *hiato* constitutivo de *infância*, de um estado *desarticulado* da palavra, num desejo de regresso e busca de uma experiência originária, quando o poema comparece enquanto tessitura lírica e espaço reflexivo acerca da própria linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: infância, linguagem, poesia, pensamento.

Em *Infância e História*, Giorgio Agamben trata do problema da *experiência*<sup>180</sup> na época contemporânea como sendo indissociável do problema da linguagem, e é no espaço dessa problematização que uma teoria da experiência viria enquanto uma teoria da *in-fância*: “Como infância do homem, a experiência é a simples diferença entre humano e linguístico. Que o homem não seja sempre já falante, que ele tenha sido e seja ainda in-fante, isto é a experiência” (AGAMBEN, 2014, p. 62). Compreendendo a experiência como infância do

---

<sup>180</sup> Já no primeiro capítulo, recuperando a ideia de “pobreza de experiência” da época moderna em Walter Benjamin, Agamben afirma: “Todo discurso sobre a experiência deve partir atualmente da constatação de que ela não é mais algo que ainda nos seja dado fazer. Pois, assim como foi privado de sua biografia, o homem contemporâneo foi expropriado de sua experiência: aliás, a incapacidade de fazer e transmitir experiências talvez seja um dos poucos dados certos de que disponha sobre si mesmo” (AGAMBEN, 2014, p. 21).

homem, Agamben aponta para uma consequência decisiva exercida pela infância sobre a linguagem: ela introduziria na linguagem a cisão entre *língua* e *discurso*. Deste modo, uma *teoria da infância* ganharia o seu sentido próprio a partir de uma relação com a distinção pensada por Benveniste<sup>181</sup> entre semiótico e semântico. A ideia de que “tomado em si mesmo, o signo é pura identidade consigo mesmo e pura alteridade com relação a todos os signos” (AGAMBEN, 2014, p. 66) possibilitaria a apreensão de um *hiato*: sua manifestação se situaria justamente na dupla significação inscrita no signo:

É o fato de que o homem tenha uma infância (ou seja, que para falar ele tenha um lugar de expropriar-se da infância para constituir-se como sujeito da linguagem) a romper o ‘mundo fechado’ do signo e a transformar a pura língua em discurso humano, o semiótico em semântico. Na medida em que possui uma infância, em que não é sempre já falante, o homem não pode entrar na língua como sistema de signos sem transformá-la radicalmente, sem constituí-la como discurso (AGAMBEN, 2014, p.68).

Levando em conta essa perspectiva, gostaria de recuperar aqui uma das crônicas do escritor português Manuel António Pina, em que nos narra como, quando criança, passava horas a jogar um “perigosíssimo jogo infantil”, ao escolher uma palavra familiar e cotidiana e repeti-la em voz alta, incontáveis vezes. Ele conta:

Quando eu era criança (porque todos fomos crianças uma vez, mesmo aqueles que nos custa a acreditar que o tenham sido) costumava ficar horas a jogar um perigosíssimo jogo infantil. Escolhia uma palavra familiar e cotidiana (casa, mãe, céu) e repetia-a em voz alta, infinitamente, até ela deixar de fazer sentido e me soar absurdamente nos ouvidos como uma vaga sucessão de sons, uma música desconexa que eu ouvisse então absolutamente pela primeira vez. Assim as amava, às palavras, na sua pobreza e na sua fragilidade, libertas das cadeias que as prendem ao mundo e às coisas. Os substantivos eram corpos vazios, ténues ressonâncias despojadas de todo o peso e de todo o poder, e os adjectivos e os verbos belíssimos seres translúcidos vogando fugazmente à minha volta. E eu descobria alvoroçado, que era senhor de um poder imenso: o poder de libertar as palavras e de partilhar da sua vida e da sua morte; e que poderia tocar, se quisesse, a sua natureza mais íntima e mais imaterial (PINA, 2013, p.124).

---

<sup>181</sup> O semiótico designaria o modo de significação que é próprio do *signo* linguístico e que o constitui como unidade, assim, tomado em si mesmo, o signo é “pura identidade consigo mesmo e pura alteridade com relação a todos os outros signos... (...) Com o semântico entramos no modo específico de significação gerado pelo discurso” (AGAMBEN, 2014, p. 66).

Se pensarmos na proposição articulada por Agamben, é como se de alguma forma pudéssemos entrever no relato de Pina algo próximo a uma tentativa sua de tocar certa *experiência originária*, uma zona “muda”, *anterior* à língua, na qual se situaria a ideia de uma *in-fância* do homem: experiência ‘muda’ “no sentido literal do termo” (AGAMBEN, 2014, p. 58) da qual a linguagem deveria demarcar o limite.

Na verdade, é provável que Manuel António Pina nunca tenha desistido desta tentativa e que, de algum modo, sua poética tenha sido um persistente exercício neste sentido. Exemplo interessante disso é a maneira pela qual o lugar da infância e o da linguagem se cruzam em muitos de seus versos: “Lugares da infância / onde sem palavras e sem memória / alguém, talvez eu, brincou / já lá não estão nem lá estou” (PINA, 2012, p. 160), em que o sujeito poemático é marcado por uma indeterminação antitética que o afirma ao mesmo tempo em que o questiona: “A corrupta luz da infância / ilumina o rosto de um / desconhecido, / o meu rosto, / e olha-o com olhos cegos. (...) / As palavras não chegam / para levar-me onde, fora / da infância, está alguma coisa: / isto que quer falar/ e vê e é visto” (PINA, 2012, p. 113); ou ainda, “O rosto que olha para trás, / o lado de fora do visível, / existe este rosto ou é apenas, / diante da infância, o olhar que se contempla? (...) alguma coisa que pertence / a um desconhecido (é este o meu rosto?) / fora da infância infinitamente pense” (PINA, 2012, p. 106). Articulada a uma permeabilidade textual aberta a múltiplas vozes, é como se a dicção poética de Pina, através de um sujeito heteronímico, fragmentado e sempre ciente da condição restritiva das palavras, movesse-se numa espécie de *oscilação* desconstrutiva em torno da linguagem. Podemos então pensar com Rosa Maria Martelo quando diz: “Pina é um amante de paradoxos, um desconstrutor do discurso, sempre pronto a questionar os processos de dessubjetivação” (MARTELO, 2014, p.15).

Deste modo, é possível encontrar nos poemas de Pina uma reiterada abertura reflexiva acerca dos tópicos da linguagem e da infância: “Um tempo houve em que, / De tão próximo, quase podias ouvir / O silêncio do mundo pulsando / Onde também tu eras mundo, coisa pulsante. / Extinguiu-se esse canto / não na morte / mas na vida excluída / da clarividência da infância” (PINA, 2014, p. 360). É clara aqui a referência a uma experiência *primeira* das coisas e do mundo. A ideia mesma de uma “clarividência” capaz de apreender a *pulsação* subjacente a tudo parece convocar em alguma medida a acepção de infância em Baudelaire quando a aproxima do estado da *convalescença*, em seu famoso texto *O pintor da*

*vida moderna*. Para o poeta, “a criança vê tudo como *novidade*; está sempre *inebriada*” (BAUDELAIRE, 1995, p. 856) [itálico do autor], e é “à curiosidade profunda e alegre que se deve atribuir o olhar fixo e animalmente estático das crianças diante do novo (...)” (Ibidem). Deleuze, no livro *Crítica e Clínica*, aproxima, por sua vez, a arte a um estado “celestial” da infância que “já nada guarda de pessoal nem de racional. À sua maneira a arte diz o que dizem as crianças” (DELEUZE, 1997, p. 78).

Retomando a perspectiva de Agamben, talvez seja interessante perceber o que se desenharia na poética de Pina enquanto tentativa de uma operação reversiva entre o signo e o discurso, como se a operação poética de seus textos estivesse sempre procurando se fazer no espaço de um *hiato* constitutivo de *infância*. O lugar da infância surge então como espaço privilegiado para o questionamento acerca da linguagem e a figura da criança como a detentora de uma prodigalidade perceptiva do mundo, capaz de perceber em sua *clarividência* a “pulsção” das coisas, ali onde a linguagem ainda não se constituiu como máquina ordenadora de mundo. Na esteira da afirmação de Deleuze acerca do estado *celestial* da infância, podemos evocar aqui a figura do *menininho* fabulada por Giovanni Pascoli em seu ensaio *O menino – Pensamentos sobre a arte* (PASCOLI, 2015). Segundo o texto, o adulto, já maduro, com sua experiência e bagagem de vida, não é mais capaz de se surpreender com o que o cerca, e contra esta opacidade é necessário despertar e lançar o olhar de um menino que habita em todos nós. A voz desse menino, na infância, confunde-se com a nossa, porém com o crescimento vamos aos poucos deixando de escutá-la, assim “a ideia do menino é, sem dúvida, um modo de se escutar o que não se escuta, buscar as vozes mudas, que já não podem mais falar, que permitem um outro tipo de comportamento e atuação no mundo”, nas palavras de Patricia Peterle (PASCOLI, 2015, p. 72). No entendimento de Pascoli, o “sentimento poético” derivaria “da esfera íntima, talvez primitiva, ligada ao cotidiano” (PASCOLI, 2015, p. 71). Assim, a poesia consistiria na “visão de um particular inadvertido, fora e dentro de nós” (PASCOLI, 2015, p. 53), sendo por isso, “um retorno ao mundo dos afetos e dos sentidos”, visão que, contudo, não abdica do pensamento já que “operar poesia é também operar a palavra, portanto, a experiência da poesia é experiência da palavra que, por sua vez, é experiência do pensamento” (PASCOLI, 2015, p. 76).

Neste sentido, pensar a dimensão da infância na poética de Pina implica refletir acerca do próprio lugar do pensamento e da linguagem no espaço do poema, o que significa

também procurar compreender em que medida a poesia de Pina joga com a porosidade de fronteiras entre forma e pensamento. Desta maneira, podemos entender a oscilação reflexiva em torno da linguagem, tão presente em sua escrita, como uma gravitação, um movimento pendular entre “palavra poética” e “palavra pensante”, seguindo uma proposição<sup>182</sup> de Giorgio Agamben, como se os seus poemas buscassem um *sentido unitário* do dizer através de uma palavra poeticamente *cindida*, em um movimento ao mesmo tempo dual e unitivo, paradoxal e dialético, em que uma poeticidade problematizadora do caráter representacional da linguagem daria voz ao mesmo tempo a uma apreensão lírica do mundo mas também linguagem plenamente consciente de sua representação e fratura. Desdobrando um exemplo mais longo, segue o poema do autor intitulado “Ludwig W. Em 1951”, do livro *Nenhuma palavra, nenhuma lembrança*:

As palavras (o tempo e os livros que  
foram precisos para aqui chegar,  
ao sítio do primeiro poema!)  
são apenas seres deste mundo,  
insubstanciais seres, incapazes também eles de compreender,  
falando desamparadamente diante do mundo.  
As palavras não chegam,  
a palavra *azul* não chega,  
a palavra *dor* não chega.  
Como falaremos com tantas palavras? Com que palavras e sem  
[que palavras?

E, no entanto, é à sua volta  
que se articula, balbuciante,  
o enigma do mundo.  
Não temos mais nada, e com tão pouco  
havemos de amar e de ser amados,  
e de nos conformar à vida e à morte,  
e ao desespero, e à alegria,  
havemos de comer e de vestir,  
de saber e de não saber,  
e até o silêncio, se é possível o silêncio,

---

<sup>182</sup> No livro *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental*, Agamben discorre sobre uma cisão produzida desde a origem em nossa cultura: “Trata-se da cisão entre poesia e filosofia, entre palavra poética e palavra pensante, e pertence tão originalmente à nossa tradição cultural que já no seu tempo Platão podia declará-la “uma velha inimizada”. De acordo com uma concepção que está só implicitamente contida na crítica platônica da poesia, mas que na idade moderna adquiriu um caráter hegemônico, a cisão da palavra é interpretada no sentido de que a poesia possui o seu objeto sem o conhecer, e de que a filosofia o conhece sem o possuir. A palavra ocidental está, assim, dividida entre uma palavra inconsciente e como que caída do céu, que goza do objeto do conhecimento representando-o na forma bela, e uma palavra que tem para si toda a seriedade e toda a consciência, mas que não goza do seu objeto porque não o consegue representar” (AGAMBEN, 2007, p.12).

havemos de, penosamente, com as nossas palavras construí-lo.

Teremos então, enfim, uma casa onde morar  
e uma cama onde dormir  
e um sono onde coincidiremos  
com a nossa vida,  
um sono coerente e silencioso,  
uma palavra só, sem voz, inarticulável,  
anterior e exterior,  
como um limite tendendo para destino nenhum  
e para palavra nenhuma (PINA, 2012, p. 232).

Já a primeira estrofe abre diálogo direto com o filósofo Ludwig Wittgenstein: em *Investigações filosóficas*, são muitas as proposições interrogativas a respeito tanto das cores como do fenômeno da “dor”, cito dois breves exemplos: “Alguém me mostrou a representação da cor azul e me disse que *é ela?*” (WITTGENSTEIN, 1979, p.122), ou “Como posso, pois, querer colocar a linguagem entre a manifestação da dor e a dor?” (WITTGENSTEIN, 1979, p.95). Analisando este poema, Paola Poma aponta para a impessoalidade do simples primeiro nome “Ludwig” no título, conferida ao filósofo pelo poeta, ressaltando em que medida Pina reconstrói no texto a figura de Wittgenstein “pela força da linguagem poética” (POMA, 2008, p.86). Poma coloca ainda: “Mas, através da linguagem quanto se pode dizer sobre o mundo e com que grau de clareza? E do que não se pode falar? Se até as palavras são seres insubstanciais, qual é a condição do homem que precisa da palavra para dar materialidade ao ser?” (POMA, 2008, p.87). Perguntas provocadas por um texto que se sustenta nessa fronteira, nesse movimento *oscilante* entre uma forma poética e pensativa da palavra. Interessante também é notar o emprego das aspas no texto, como uma indicação de que se trataria da fala do próprio filósofo, numa mescla de vozes onde não é possível distinguir a do poeta e a do pensador. Cabe lembrar também que o título do poema faz referência ao ano da morte de Wittgenstein, 1951. Como se só depois de toda uma vida dedicada à investigação da linguagem – sabendo em definitivo que “as palavras não chegam”, nem a “azul”, nem a “dor”, assim com tantas outras –, o primeiro poema pode enfim ser escrito, justamente ali, no lugar de uma *inarticulação*, de uma “música desconexa”, de uma palavra encontrada numa zona *muda* e anterior à língua, no limite onde ela ainda pode não ser nenhuma.



## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estâncias – A palavra e o fantasma na cultura ocidental*. Trad. Selvino José Assmann. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. *Infância e História – Destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

BAUDELAIRE, Charles. *Poesia e Prosa*. Org. Ivo Barroso. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo, Ed. 34, 1997.

MARTELO, Rosa Maria. *Os Koans Revisitados (Ou de como Escrever entre Poesia e Prosa)*. In: eLyra, n. 4, p.15, out., 2014. Disponível em: <<http://www.elyra.org/index.php/elyra/article/view/55>>. Acesso em: 6 jun. 2016.

PASCOLI, Giovanni. *O Menininho – Pensamentos sobre a arte*. Trad. Patricia Peterle. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2015.

PINA, Manuel António. *Todas as palavras – Poesia reunida (1974-2011)*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2012.

\_\_\_\_\_. *Crónica, saudade da literatura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2013.

POMA, Paola. “Deslocamentos na poesia de Manuel António Pina”. *Inimigo Rumor*, nº20. Rio de Janeiro: 7letras/Cosac & Naify, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações filosóficas*. Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Abril Cultural, 1979, p. 122.